



Um homem jogado no
sofá ou uma mulher
que saiu por aquela
porta

**UM HOMEM JOGADO NO
SOFÁ OU UMA MULHER
QUE SAIU POR AQUELA
PORTA**

Julliano Mendes

**Um homem jogado no sofá
ou uma mulher que saiu
porque aquela porta**

Título original

Um homem jogado no sofá ou uma mulher que saiu por aquela porta,
de Julliano Mendes

1. Literatura dramática
2. Dramaturgia brasileira
3. Teatro brasileiro

Julliano Mendes
www.jullianomendes.com (Julliano com dois L's)
gruporesidencia@gmail.com

Sumário

Eu sei que vou te amar.....	5
UM HOMEM JOGADO NO SOFÁ OU UMA MULHER QUE SAIU POR AQUELA PORTA.....	9
DRAMATURGIA DE JULIANO MENDES	59

Eu sei que vou te amar.

O filme do Jabor. Quando assisti, eu ainda não tinha optado pela dramaturgia. Mas fiquei profundamente tocado por aquele casal que se expunha sob a dialética do “falar” e do “pensar”. Mentiras e desejo, razão e verdade. Ali se configura um dos pressupostos de minha dramaturgia: se parte da obra dramática é construída por diálogos, é necessário considerar que ‘quem fala, mente’. Ou, pelo menos, que ‘quem fala, pode mentir’. Este não é um pressuposto ético. Pelo contrário, é um elogio à capacidade racional que a linguagem impõe às relações. Leiam bem, não é, necessariamente, um elogio à mentira em si, embora, dependendo da mentira, também seja.

O filme discute o casamento, instituição social crivada de problemas e incertezas. A ideia absurda ratificada pela cultura que uma pessoa pertença à outra após a assinatura de um contrato, ou a consolidação de um acordo. Quando vejo, por exemplo, os casos de homens inconformados com a separação que, motivados por um construto moralista caquético, assassinam as ex-mulheres, acho que chegamos a um limite dessa relação que cada vez mais carece de reflexões e novas propostas, isto sem isentar brutalidade e a covardia disfarçadas de honra. Vale ressaltar que somente agora, final de fevereiro de 2021, o supremo federal brasileiro apregoa que a tese da legítima defesa da honra é inconstitucional.

A história de amor na dramaturgia, no entanto, trilha mais rotineiramente dois caminhos: ou é achacada como caretice, ou reforça os clichês de amor e vingança, traição e moral, como nas novelas de televisão em que vilã e mocinha se estapeiam em nome do amor do galã. Nesta perspectiva de luta, mas também de posse, o casamento é uma conquista.

O casal de “Um homem jogado no sofá ou uma mulher que

saiu por aquela porta” é formado por Edgar e Irene. Edgar, o do sofá, é a repetição orgulhosa do padrão social. Para ele, casamento é uma espécie de morte, como ouvi uma vez da boca de um padre e que aqui e ali disseminou na voz de meus personagens: você precisa morrer em coisas que deseja e acredita pra renascer no corpo de outra pessoa. Para Irene, da porta, o casamento foi uma limitação, uma restrição. Para além do corpo do marido, ela enxergou e deplorou a instituição. Viu-se engendrada nos mecanismos intrínsecos ao padrão de relacionamento repetido pela sociedade.

Para o espectador, que os observa, resta uma sensação que ambos estão presos à teia de uma aranha que lentamente os devora: a cultura. Essa cultura do amor, do casamento, da luta e da morte. Que já não importa o desejo. Tudo é limitação.

É possível, como sociedade, evoluir esse modelo? Irene, da porta, talvez apresente algumas possibilidades, embora, na prática, sair por aquela porta também não seja fácil. Aprendemos, também, a refutar a solidão. Mas é preciso ter coragem. Irene mente? E Edgar, afundado no sofá? É preciso coragem para o sofá. É mesmo?

Por fim, acho importante falar que comecei a compor nesse texto como uma performance. Escrevi pensando num casal de bailarinos queridos. Por isso a imagem inicial da fita cassete. Pensava na hipótese de dançar palavras. No desenvolvimento do texto, as personagens foram ganhando voz. Impondo-se como presença. Como teatro. Para mim, esse é um dos baratos da escrita: sua autonomia. Algo que, como autor, extrapola meu projeto.

No entanto, observo que as raízes do caráter performativo do texto continuam ali. Acho que ele oferece possibilidades de encenação não descritas. Nem sugeridas, mas necessárias. Eu quis construir um texto gostoso de ser falado. Nas mentiras e verdades que se

sobrepõem, no uso do elemento audiovisual no teatro, no entanto, este texto é aberto: para sua adaptação aos palcos acho importante que sejam preenchidas lacunas. Adaptação e reescrita. Como dramaturgo, estou interessado em parceiros. Aceita dividir a caneta comigo?

Julliano Mendes *



** Julliano Mendes é ator, diretor e dramaturgo. É mestre em Estudos da Linguagem pelo departamento de letras da Universidade Federal de Ouro Preto, onde defendeu a dissertação “Do íntimo ao público: adaptação de textos não dramáticos para o teatro”. Fundou, em 2001, o Grupo Residência Teatro e Audiovisual, produzindo oito espetáculos. Em 2020 lançou o romance Um Circo, pela Editora Ouro Preto. Sua produção literária pode ser conferida no site www.jullianomendes.com. Atente-se que Julliano é com dois L’s.*

UM HOMEM JOGADO NO SOFÁ OU UMA MULHER QUE SAIU POR AQUELA PORTA

PERSONAGENS:

Irene

Edgar

Homem do vídeo (só em projeção)

Mulher do Vídeo

CENÁRIO:

Casa comum.

Projeta-se o título da peça e os créditos. Entra Edgar, carregando uma enorme pilha de roupas brancas dobradas. É difícil, para ele, equilibrá-las. Tempo. Entra Irene, nua, fica de pé ao lado dele. Observa o homem. Revela que tem nas mãos uma fita cassete, mostra-a para a plateia. Vai até um aparelho de som e a toca. Volta para a posição anterior. Assim que entra o texto, o homem joga as roupas do chão e, uma a uma, começa a vesti-las na mulher, formando uma escultura de roupas.

FITA CASSETE - Chove. São duas e vinte e cinco da manhã. Como uma criança, eu idealizei seu corpo. Achei que era novembro. Você entrou. Nas manhãs seguintes, não choveu. Você deve me achar louco. Deve achar que não existe lógica na forma enviesada com que atiro meu corpo sobre o seu, como um bicho, quando você se abre pra mim. Eu não ligo. Abro meus braços, como um pássaro, e saio voando a minha alegria. É novembro. Observo o formato das nuvens. Você num pé de goiaba. Eu gritei: não dance sobre os galhos, eles são finos. Outra nuvem. Há um cavalo na sala de estar. Eu grito: sai de dentro de mim! Hoje é sexta feira. Quer almoçar comigo? Há uma foto sobre a mesa. Você está nua e enxergo dentro de você, como se você nem estivesse nua, só pra mim que possuo esse poder, olhar de raio x, só pra você. Sei que você precisa de mim, que na solidão dos dias frios seu corpo se umedece da ausência do meu. Há oito anos você saiu por aquela porta, mas não se engane, o tempo não existe. Hoje é ontem. Lembra-se daquele seu vestido que eu odiava? Era verde? E de como nos apaixonamos pelas mesmas pessoas em segredo? Dos dias em que eu abandonava meu corpo pra viver fantasias perversas, e quando eu voltava pra casa você gritava comigo, depois chorava escondida pra concluir em voz alta: agora é minha vez? Lembra-se? Outra nuvem: meu pênis mole. Eu tive medo quando você disse que me amava, achei graça, sai correndo do quarto, passei numa farmácia, comprei algodão, coleí nuvens no peito, voltei pra casa suado, você não estava mais lá, mas dentro do espelho estava o seu reflexo, eu falei: espelho, espelho meu... Lá de dentro você riu de mim, de cima do pé de goiaba, passou a cavalo em cima do meu pé. Quando eu quis entrar no espelho, meu reflexo saiu, depois de novo. Eu era o meu reflexo. Você não? Lembra-se que eu saí de casa antes de você e quando eu voltei você estava deitada no chão do banheiro, mas

quem estava molhado era eu. Suor? Raiva? Eu perguntei: tem comida? Você respondeu: tenho medo. Deitei-me contigo, você gozou dentro de mim, nos meus olhos abertos, esfregou-se na minha cara, riu. Hoje não há mais nuvens no céu. Tenho medo de minha histeria, vou largar-me no chão novamente, você me ama? Desculpa, meu bem, sou inseguro demais pra não ser objetivo e simples. Você estava parada e lá fora tinha um letreiro. Você ficava azul, eu pensava: não sei quem é essa mulher. Aí ficava vermelha, eu pensava: corro daqui, atravesso a montanha, grito como um porco na hora do abate, terei filhos com essa mulher. Aí você ficava azul. Tinha uma nuvem, mas distante e disforme, eu tentava focar a visão, mas não distinguia nada, aquilo era um arremedo de nuvem, pensamento antes do poema, não tinha cor. Aí, vermelha. São três da manhã, meu amor. Dorme novamente. Você merece. Azul. Sim, existe o tempo. É possível tocar nele, aqui ó, do lado de meus olhos, minhas pálpebras caídas, esse pé de galinha, tenho cabelos brancos, eu menti pra você, é tudo relativo, meu amor, as coisas existem e não existem, que me dera pudesse saber de alguma coisa sem pensar nela, saber apenas, sem julgar, saber sem querer, como uma imagem que passa pelos olhos sem ocupar a memória, uma imagem oca, quem me dera, meu amor... Choveu. Você gozou? Há três dias você bateu na porta do lugar para o qual fugi, como você descobriu? Você parecia uma nuvem densa. Atravessei você, do outro lado não havia nada, caí, tive medo. É novembro? Novembro? Será que é novembro? Novembro...

A fita parece ter emperrado. Irene está enrolada por diversas roupas masculinas, formando um imenso vestido disforme. Edgar se levanta, vai até a fita cassete e a tira do aparelho. Procura no cenário uma fita de vídeo cassete e a coloca num aparelho. Projeta-se a imagem sobre o corpo da mulher. É a imagem dela mesma, nua, dançando. Ela começa a falar, mas está baixo. Ele busca um microfone e amplifica a voz dela.

IRENE - Eu era criança, mas já tinha entendido pra que existia meu corpo. Minha mãe me dava bonecas, eu fazia comidinha pra elas. Hoje não sei mais se eu tinha entendido aquilo ou aprendido. Mania escrota de culpar a mãe? Eu culpava. Será por isso que não tive filhos? Eu tinha

uma boneca preferida. Não tinha a ponta dos dedos, tinha perdido um dos olhos, eu pensava, assim ela deve chorar menos que eu. Minha mãe falava: te compro uma Barbie, eu dizia, só se arrancar um olho. Ela ria, contava pra minhas tias na cozinha, minhas tias faziam comidinha pra mim. Ou era o contrário? Eu é que brincava de boneca no corpo das minhas tias? Ai, que vontade de arrancar os olhos de uma, a língua de outra, as duas pernas... Elas é que brincavam de boneca comigo? Em minha família, nas festas de fim de ano, as mulheres se reuniam na cozinha. Meu primo falava que a impressão era de que falávamos todas juntas, mas ele não tinha nosso talento pra multiplicidade. Era um clã? Tinha gente que eu adorava e gente que eu odiava, mas assim, misturadas, aquilo era parte de mim (sim, eu era prepotente o suficiente pra achar que aquilo era parte de mim e não eu parte daquilo, coisas de criança). Mas então, se era parte de mim, como um braço, porque eu queria mesmo era estar lá fora, trepando nas árvores, jogando pedra no tempo, oferecendo meu corpo de menina pras coisas que eu só não entendia porque não conhecia? Minha mãe querendo me ensinar a vida, e a vida lá fora, imensa, cheia de sensualidade e calor, e eu do lado do fogão a lenha, sem saber se era feliz, meu corpo era uma espécie de oferta à família brasileira, às mulheres criadas para serem escravas de um amor, retrato de nossa senhora, mão sobre o peito em formato coração, mãe da misericórdia...

Edgar aproxima o microfone de si.

EDGAR - Então, eu apareci em sua vida e você entendeu que nem todo condicionamento é necessariamente vil, que pelo contrário, é necessário parcimônia...

Irene agora vai se desvencilhando das roupas e toma de novo o microfone de Edgar. O próximo jogo é este. Um toma o microfone do outro antes que o outro termine a frase, até que, num dado momento, os dois falam juntos, distinguindo-se apenas por quem está com o microfone.

IRENE - Não, Edson. Isto ainda não tinha nada a ver com você. Abandona sua mania de ser príncipe encantado, essa imagem do cavalo que aparecia na sua nuvem? Era você! Sem metáfora! Desce das nuvens, meu amor, vamos construir uma relação mais humana...

EDGAR - Não! Eu me recuso a obedecer à sua imaginação, Luciana, sua imaginação é egoísta e desvairada. As coisas aqui são mais simples. Às vezes eu acho que você é louca, outras vezes acho que sou eu...

IRENE - Desculpa, Roberto, não me interessa a simplicidade, pelo menos não desse jeito que você a almeja, cheia de objetividade. Sou devota da nossa senhora da profusão, você sabe, sua concisão não me limita, entende?

EDGAR - Você é devota daquilo que lhe interessa, Rafaela! Você é quantas? O que lhe é conveniente é justo. É isso? Só é possível que dividamos esta vida que consagramos em cerimônia porque tem coisas que são independentes da gente...

IRENE - Sim, eu acho justo, Paulo. Acho justo, Edvaldo. Agora eu acho. A partir de hoje. A partir de agora. Fotografa esse momento, Herbert: um momento em que uma mulher mudou, perdeu as amarras, quebrou os vínculos.

EDGAR - Cala a boca, Ana, você não entende? Se todas as coisas são limitadas, até você é! Que pretensão boba, infantil! Você se acha melhor do que quem? A vida é feita de coisas concretas, Fátima. Eu não sou seu príncipe, você não é uma santa!

IRENE - Eu não me acho melhor do que ninguém. Sabe por quê, Gustavo? Você sabe? Eu não sei. Só isso. Sou uma ignorante feliz, esse é meu poder. O seu é me ver por dentro? Babaca! O que você vê é uma buceta

dentada rindo de você, seu imbecil. A partir de hoje, quando eu estiver nua, feche os olhos, Antônio!

EDGAR - Betânia, você não tem poder. Nem eu. Mas você menos, sabe por quê? Porque você acha que tem! Jura que tem! Se achava uma criança feia? Mentira. Dizer-se feia era a forma de conseguir carinho de sua mãe, ela penteava seu cabelo, eu imagino você fazendo cara de má, vai me dizer que no conto da princesa você não queria mesmo era ser a bruxa? O dragão, o ogro? Você queria ser tudo, menos a princesa. Agora me diga, Eliane: isso é uma afirmação ou uma negação? Era uma escolha ou uma fuga? Você é assim, Gilmara, você quer que as pessoas tenham pena de você, mas você mesma se acha o máximo, não acha? É isso aí, você confunde libertinagem com liberdade. Tô cansado dessa sua falta de moral, Amanda, minha caretice é uma escolha, você não é melhor do que eu por isso! A única assertividade possível é sua, não é? O mundo correto é o seu, não é? Tenha pena da puta que o pariu, Maria. Isto não é uma brincadeira de bonecas, Keyla, e eu não sou o seu Ken, ouviu? Ouviu, Aparecida? Ouviu, Fabíola? Ouviu, Jussara?

IRENE - Tenho muito orgulho de meu passado, Anderson, sabe porquê? Porque se eu não tiver quem vai ter? Só por isso. Olha, que curioso, eu aqui brincando de simplicidade e você aí todo alterado, puto comigo, mas isso é porque você é fraco, Luiz. Sim, eu queria ser a bruxa, quero ser agora, transformar você num sapo pra depois pisar em você. Abandona essa imagem de mãe-da-misericórdia que você grudou em mim, João, eu quero gozar até a porra eclodir pelos meus poros! Gozar pra caralho, desvairada na chuva. Em novembro! Sim, você é careta sim e eu não sou melhor que você por isso, mas mesmo assim tenho pena de você! Porque a vida lhe é muito densa, Júlio, mas porquê? O que você ganha com isso? Você só ganha a miséria de ser isso aí que você é, Humberto, Marcelo, Jacinto: um bosta!

Tempo. Irene se libertou do acúmulo de roupas. Ao fundo projeta-se um casal de idosos, na mesma posição que eles. A senhora do vídeo vai até

um aparelho de som, toma um vinil, e coloca uma música pra tocar. Os casais dançam de rosto colado. Tempo longo. Pausa brusca no som, como se fosse uma falha. Tempo.

HOMEM DO VÍDEO - E se eu tivesse te dado uma flor no dia da morte de sua mãe?

IRENE - Eu arrancaria o outro olho de minha boneca.

MULHER DO VÍDEO - E se eu ainda continuar sendo aquela mulher que você conheceu no reflexo do espelho?

EDGAR - E se eu arrancasse seus lábios?

IRENE - Você não me respondeu...

MULHER DO VÍDEO - Deixa... Será melhor assim...

EDGAR - E se eu arrancasse seus lábios?

IRENE - Você teria dormido no sofá.

HOMEM DO VÍDEO - E se eu incendiasse o sofá?

EDGAR - Não, o sofá não.

HOMEM DO VÍDEO - E se eu incendiasse a cortina da sala?

MULHER DO VÍDEO - Os vizinhos da frente me veriam comendo seu cu.

IRENE - Que obsessão é essa pela cortina da sala?

HOMEM DO VÍDEO - Eu era bobo, você sabe.

EDGAR - Aliás, você que vivia me repetindo isto, não é?

HOMEM DO VÍDEO - Eu pensava: essa mulher aqui dentro que diz que detesta crianças... Será minha prisioneira, a coitada?

IRENE - Você não pensava assim...

EDGAR - Tudo bem, eu não pensava assim. Por favor, reformule.

HOMEM DO VÍDEO - Eu pensava: essa mulher aqui dentro que diz que detesta crianças... Serei prisioneiro dela?

MULHER DO VÍDEO - Agradeço seu acesso de sinceridade.

HOMEM DO VÍDEO e EDGAR - Será que sempre fui isso? Seu prisioneiro?

IRENE e MULHER DO VÍDEO - Sim.

HOMEM DO VÍDEO - Não.

MULHER DO VÍDEO - Você não foi nada pra mim. Aliás, nem eu pra você. Sabe porquê? Porque ser no outro não é possível. Descobri isso. Quando saí por aquela porta eu fiquei bancando a mulher forte. Pensei: quem mandou eu não querer ter filhos? Agora, fodeu. Vou adotar uma criança. Depois pensei: pra me fazer companhia? Pra cuidar de mim?

EDGAR - Sim.

MULHER DO VÍDEO - Não. Tenho prazer em acordar sozinha de noite e fritar um ovo sem ninguém pra me falar sobre colesterol. Tenho dificuldades pra respirar, dor nos joelhos, uma tristeza cada vez mais crônica. Mas isso não tem nada a ver com solidão.

IRENE - Você me diz: Aí, eu apareci na sua vida...

A mulher do vídeo gargalha.

EDGAR - Você sempre reclama da minha tendência à concretude, não é?

MULHER DO VÍDEO - Você chamava aquilo de tendência?

HOMEM DO VÍDEO - Você não está vendo que eu ia concluir um raciocínio? Que assim, partido, qualquer raciocínio fica sem sentido? Permite que eu continue?

IRENE - Ela permite.

EDGAR - Pois bem, minha concretude é um problema pra você. Não,

mesmo que não seja assim, tão simples, imaginemos que seja. Você não suporta a forma objetiva com que trato as coisas, suponhamos que você me achasse frio, que com os anos isso começasse a corroer seus ânimos, começasse a me odiar em segredo, desejasse a minha morte.

MULHER DO VÍDEO - Não exagere...

HOMEM DO VÍDEO - Eu só queria te dizer que minha objetividade era uma desculpa hipócrita que você arrumou pra justificar o fato de nunca ter me amado de fato.

EDGAR - Minha objetividade era uma desculpa hipócrita que você arrumou pra justificar o fato de nunca ter me amado de fato.

EDGAR e HOMEM DO VÍDEO - Você se habituou a meu corpo, nós vimos um móvel, quase um sofá.

EDGAR - Não queime o meu sofá!

IRENE e MULHER DO VÍDEO - Não!

O homem busca um sofá.

MULHER DO VÍDEO - Assim está escrito: eis um homem que dentre todas as coisas, um homem repleto de possibilidades, um homem todo corpo de homem, pronto para a multiplicidade, aquele corpo habitado por meu homem...

IRENE - Te chamei de meu algum dia? Meu homem?

MULHER DO VÍDEO - ... Que, quando a porta se abriu e chovia e eu pedia socorro, fez festa em meu corpo – não, eu não estava suada, eu trazia a chuva dos anos vindouros escorrendo em minha pele, eu não sabia, mas minha pele sabia que aquele homem estaria radicado em mim pelos anos seguintes, mas só porque aquilo era novo, e é muito fácil confundir o que é novo ao que é bom e eu, iludida e úmida, obedeci – este homem...

IRENE - Que era meu?

MULHER DO VÍDEO - Não! Este homem nunca foi meu!!!

IRENE - O sei. Ele não sabe. Este homem que não sabe de quase nada, como ela disse, homem cheio de possibilidades, este homem bom, porque ele é bom, e há quem diga que a única possibilidade de ser bom é sendo idiota, este idiota, portanto, no momento exato em que saí por aquela porta, este pobre homem escolheu o sofá.

Tempo. Homem do Vídeo e Mulher do Vídeo apenas observam. Edgar agora está deitado no sofá. Irene o cobre, com as roupas brancas que estão espalhadas pelo palco, talvez cante qualquer canção de ninar. Dá um beijo na testa dele. Sai. Tempo. Homem do Vídeo e Mulher do Vídeo começam a gritar para Edgar: “Acorda, Edgar! Ela se foi! Ainda dá tempo, idiota!”, e coisas parecidas, cada vez com mais exaspero. Edgar levanta um controle remoto e desliga a imagem.

EDGAR - Haverá maior dignidade para um homem do que recusar-se a fazer o óbvio? Não, não estou falando sobre alguma forma, ainda que mínima, de revolução. Nem sobre o inconformismo. Estou falando sobre a criatividade. Digo isso porque, a partir daqui, preciso que vocês gostem de mim. Este é o jogo. Vocês gostam de mim. A imagem de um homem jogado no sofá poderia suscitar certa antipatia em vocês. Porque é natural refutar-se a passividade, como se nosso dever fosse

impreterivelmente a ação. “Em nome da ação, ser”, resume. Mas por quê? É também de nossa natureza questionar, questionar tudo, questionar sempre. Mas é mais fácil questionar o forte. O fraco a gente protege, a gente cuida. Ou a gente ignora. Porquê? Sou um homem jogado no sofá e sou fraco. Mas estou bem! Veja, estar bem não significa que eu não esteja triste, ou que não esteja cansado, ou que eu não queira dar um tiro na cabeça toda vez que recomeça o dia. Eu o daria, eu juro, se eu não estivesse neste sofá. E mais do que isto, se eu não estivesse neste sofá por escolha. Prefiro a escolha à ação, a escolha é a única liberdade possível, há gente mais livre em presídios que nas ruas, o movimento não é um parâmetro, toda ação é simples demais para definir qualquer estado das coisas. Ante todas as possibilidades de meu corpo, a convulsão orgânica de meus órgãos, a laceração gradual de minhas articulações, o peso dos anos sobre meus músculos, a derrocada irreversível de minha juventude, eu escolho o sofá. Estou bem aqui, porque é minha escolha pessoal e intransferível. Nenhuma atividade me seduz. Serei um homem frio, como uma almofada de couro ilegítimo. A felicidade será a consciência irrestrita de minha imobilidade. Lá fora as horas correm. Os outros, idem. Eu, não. Você não sente inveja de mim? A inveja, neste caso, é um bom sentimento, porque é sinal de que você me admira. Eu preciso que vocês gostem de mim, senão toda esta história não terá sentido. Que me achem prepotente, presunçoso, não importa. Fixem-se nisto: gostem de mim. Digo isto porque há uma pequena reflexão sobre o título. Esta não é uma história sobre um homem jogado no sofá. É a história de uma mulher que saiu por uma porta.

Levanta um controle remoto, liga um aparelho de TV, primeiro projeta-se novamente a ficha técnica da peça, mas agora o título é “Uma mulher que saiu por uma porta”. Antes que termine, o homem troca de canal e aí fica zapeando canais. Santa Missa em seu lar, novelas, reality show, jornal, filme pornô, não se detém em nenhum. Passa por vários canais. Até que chega em um que é o reflexo dele no sofá com o controle remoto na mão. Tenta mudar o canal, cai no mesmo. As ações são especulares.

ESPELHO - Quem é real? Eu ou você?

EDGAR - É como se fôssemos a mesma coisa.

ESPELHO - E se eu lhe dissesse que isso é uma espécie de covardia.

EDGAR - Eu lhe diria que isso é o que menos me importa.

ESPELHO - Isso?

EDGAR - A covardia. Não me importo com ela. Diria até o contrário.

ESPELHO - O contrário?

EDGAR - Que tenho até orgulho. Se não fosse a covardia quando alguém me atirasse uma pedra eu não desviaria dela.

ESPELHO - Você tem orgulho disso?

EDGAR - Talvez tenha. Não sei. Não me interessa.

ESPELHO - E se eu lhe contasse que não somos a mesma coisa?

EDGAR - Não faria diferença alguma. E se não faz diferença alguma, não existe a diferença. Somos a mesma coisa.

ESPELHO - Não somos a mesma coisa. Um reflexo é uma projeção. Um duplo, um outro, aquilo que você não é, mas desejaria. Ou aquilo que você é de fato, transformando a vida em fantasia, falsidade, ficção.

Quem é real? Eu ou você?

EDGAR - Eu! Eu sou real, você disse bem: você é uma projeção de mim que eu apago desligando a tomada.

ESPELHO - Imbecil. Quando faltar luz pra seus aparelhos elétricos, e as baterias de seu tablet e celular estiverem arriadas, e você fechar os olhos, em pânico de valer-se só de si, lá estarei eu, dentro da pálpebra de seus olhos. É isso, Edgar, moro dentro de seu olho. Não adianta você fechar os olhos. Pelo contrário. É necessário que você os abra. Você tem coragem para abrir os olhos, Edgar?

EDGAR - Eu não preciso de coragem.

ESPELHO - Mas eu preciso!

EDGAR - Você é uma aberração.

ESPELHO - Projeção de você!

EDGAR - Tomo um remédio, tomo um chá, faço ioga, uso colírio, você some! Meu analista me salva de você!

ESPELHO - Covarde!

EDGAR - E vivo!

ESPELHO - Afundado nesse sofá? Isto é vida?

EDGAR - É, pra mim!

ESPELHO - Mas não pra mim!

EDGAR - Eu não preciso de sua coragem.

Edgar muda o canal, aparece uma mulher, cozinhando, num programa de culinária. Sugere-se que haja, a seu lado, algum animal de pelúcia, des-ses que falam. Mas o som da tv está baixo. Edgar aumenta o som da tv. A mulher, Irene, realiza ações de preparo de alguma receita, mas diz as seguintes palavras.

IRENE - ...assim. Como me refaço dos pequenos pedaços do pó que você me tornou. Formaram-se rios, os meus olhos, Irene. Caralho... Você estava certa (quase sempre, estava): eu e essa minha maldita tendência às metáforas.

Edgar muda de canal. Irene agora está apresentando um telejornal, ao lado de outro homem.

IRENE - Mas chega: tentarei ser simples, se não conseguir, considere esse meu esforço e pense que sofro enquanto escrevo, porque tenho uma tendência terrível à elaboração. Vamos lá. Chorei dois dias inteiros. Porque não queria acreditar nas suposições que me surgiam como pássaros.

Corte para Irene numa cena de novela, com um galã.

IRENE - Perdão, nada de pássaros. Nas suposições inúmeras que eu inventava: você com seu professor de semiolinguística. Você, com todos

os meus melhores amigos, ao mesmo tempo. Você com o senhorzinho da locadora. Você com aquele estudante de medicina que entrou de penetra em nosso casamento. Você com Hunfrey Bogart.

Corte para Irene sendo entrevistada num programa tipo Jô Soares.

IRENE - Eu era escravo da sua beleza, temia e desejava, tinha medo de explodir - ou você também não acha que o ciúme fervilha, arde, corrói? (Risos da plateia). Eu fiquei dois dias inteiros olhando pra você grande, dezoito por cinco, e pensava - sem metáfora, porque era você ali convertida em outdoor: que mulherão. E pensava: não pode ser minha. Pelo menos pensava: Não só minha.

Corte para Edgar, de pé, com o controle na mão, reflexo.

REFLEXO - Fiquei parado, voltei no tempo diversas vezes, minha memória virou um espiral, teoria das cordas: fiquei tenso, dois dias, tenso e abstrato, todo convertido em suposições, pensamentos ácidos, todo ciúme, sem reflexos.

Corte para vídeo de Irene, lendo a carta. A partir desse momento, Edgar continua a dizer a carta em cena.

EDGAR - E voltei no tempo. Eu me lembro de que quando te conheci, chovia. E você veio bater à minha porta. E o neon do puteiro de frente, alternando uma mulher com a perna dobrada com a mesma mulher com a perna levantada, sendo uma azul e a outra vermelha, pintava você de azul e vermelho, e eu pensava: ganhei na mega sena. E você sorria sem graça, e eu sabia que você era um presente, e você pedia uma toalha, e eu queria gritar, porque a poucos minutos eu estava triste, e você chegou, e era como se fosse cinema.

Irene aparece na televisão.

IRENE – Quantas vezes você vai contar essa história azul e vermelha, Edgar?

Tempo. A carta está nas mãos de Irene. A câmera fecha sobre a carta. Começa a chover sobre ela.

IRENE - Tinha um mistério, cheguei a imaginar que atrás de você surgiriam bandidos que assaltariam minha casa, mas era só quando você ficava vermelha, porque, quando ficava azul, eu pensava que era verdade, que minha mãe estava certa, que deus existia, e ele tinha ouvido meu choro mudo, e tinha mandado um anjo molhado, que a qualquer momento deus, ele mesmo, como naqueles filmes bíblicos que tem um locutor com voz de deus que recita os salmos, diria: pode beijar a noiva, e você olhava pra mim e dizia, já um tanto impaciente: tem uma toalha ou não?

Tocam a campainha.

IRENE - Eu te indiquei o banheiro. E te dei minha camisa de brim, azul. E te fiz um café. Depois fizeram um corte seco e se passaram dois anos. Você tinha me dito 'sim', depois, outro sim, no nosso motel barato, eu ainda dentro de você: quer coisa mais sagrada? Minha mãe estava certa.

Tocam a campainha.

EDGAR - E eu pensava: não mereço, vou pular da ponte, eu pensava, é muito pra mim, eu já pensava, antes do outdoor, antes de você virar gigante, e eu ficava lá, João do Pé de Feijão, olhando pra teus olhos enormes pensando: muito pra mim.

Tocam a campainha. Tempo. Do vídeo, Irene diz:

IRENE - Atende a campainha, Edgar.

Ele se apruma, volta-se para a porta, vai até ela e abre. É Irene, molhada de chuva.

IRENE - Desculpe. Está chovendo. Posso?

EDGAR - Você não entende: te eliminei do meu passado. Esta cena não existe mais.

IRENE - Obrigado. Meu carro furou o pneu aqui, bem em frente a sua casa. Estou com frio. Você pode me emprestar uma toalha?

EDGAR - Isto será um devaneio meu ou seu?

IRENE - Não quero lhe incomodar. Prometo que seco meu cabelo, espero a chuva passar e vou embora.

EDGAR - Bebi demais, é isto. Fecho os olhos e começo a imaginar coisas nada abstratas.

IRENE - O senhor mora sozinho?

EDGAR - O formato das nuvens.

IRENE - Desculpe, é que a situação me força a educação. Mas, vamos lá: Você mora sozinho?

EDGAR - Grãos de areia no olho do peixe.

IRENE - Qual seu nome?

EDGAR - Merda! Você continua aí!

IRENE - Prazer, Edgar. Meu nome é Irene.

EDGAR - Vou pedir novamente:

IRENE - Tem toalha ou não tem?

EDGAR - Vá embora.

IRENE - Aquela porta ali?

EDGAR - De vez.

IRENE - Ah! Sim. Com licença.

Sai. Tempo. Sons de chuveiro. Toca o telefone. Edgar atende. Na televisão aparece Irene tomando banho, nua, falando pelo telefone.

IRENE - Você me acusa de coisas que não conheço: não conheço tais

desejos, não conheço seu medo, porque você disfarça pra mim, mente. Não conheço você. Eu poderia sentar a seu lado e dizer que te amo, que nunca fui tão feliz, que quando te pedi uma toalha recebi um amigo, um parceiro, um amante dedicado e delicioso. Poderia pedir desculpas pelo outdoor, dizer que aquela é uma personagem, que esta é a minha profissão, que fiz isso pelo dinheiro, que queria me casar com você, que eu adoro suas músicas, mas também poderia dizer que seu ciúme me aprisiona, me sufoca, que isto não é senão sua insegurança retendo você, diminuindo você, e que o ciúme é um egoísmo imenso, porque ele desconsidera o outro, e eu era sua, toda sua, de corpo e alma, mas que no momento que te dissesse isto deixaria de ser. Edgar, quando saí por aquela porta, deixei em você um pedaço de mim, mas pra isso é preciso coragem. Não disse uma palavra. Meu silêncio permaneceu comigo, me perguntavam: porquê? Eu desdenhava, deixava a cabeça cair, fazia graça. Mas era uma espécie de silêncio. Edgar... Envelheceremos em silêncio. Quanto tempo fiquei pensando em tirar o telefone do gancho e dizer: deixa que eu volte. Quando tempo fiquei esperando que o telefone tocasse e fosse você dizendo: volta! Mas sob o telefone estava o silêncio. Percebi que envelheceria assim. Edgar... Edgar... Envelheceremos sós... Edgar... Edgar...

Ele desliga o telefone. Tempo. Surge Irene, com duas malas.

IRENE - Edgar!

Ele se detém, como num susto. Ela começar a guardar as roupas espalhadas pelo cenário dentro das malas.

IRENE - Pare de inventar metáforas, Edgar. Nada disso aconteceu.

EDGAR - Será melhor assim.

IRENE - Quando eu saí por esta porta carregando minhas roupas eu realmente não disse nada, mas porque tive dó de você, afundado no sofá como um cadáver, mais magro que de costume, assistindo tv, sem olhar pra mim.

EDGAR - Mais tarde eu separo seus documentos, suas joias, pequenas peças de roupa, mimos, e deixo na casa de sua mãe.

IRENE - Eu saí por aquela porta que sairei novamente - porque essa vida é um espiral, não é isso? - e pensei: estou livre. Mas sem peso, porque nunca dei tanta importância assim a seu ciúme. Nem a seu amor. Foram anos comuns. Pelo menos, pra mim. Traí você, algumas vezes. Não todas as que você achava, mas algumas, sim. Chegava em casa e você estava no sofá, e isso me dava uma tristeza. Chorei algumas vezes, mas entrava no banheiro e ligava o chuveiro, pra você não escutar meus soluços contidos. Mas isto você nunca vai saber. Porque você inventava tanto que perdia o senso do real. Sua metáfora, Edgar, é uma fuga, e eu, assim, sem metáfora, fujo de você. Que você seja feliz, Edgar. Eu, serei.

Ela sai. Tempo. Ele se levanta, vai até a porta. No vídeo ele surge do outro lado da porta.

EDGAR (no vídeo) - Tchau, Irene. O tempo irá recompor minhas forças, conhecerei outras Irenes, porque meu ciúme não tem nada a ver com você. Será esta minha sina. Eu queria correr atrás de você, agarrar-me a seus pés, gritar como um louco, mas seria preciso coragem. Eu não preciso de coragem, já disse. Preciso de tempo. Sabe o tempo? Abstração máxima e concretude máxima: me apego a ele. Virão outras Irenes. Talvez nenhuma assim, gigante, mas darei um jeito de aumentá-las. Porque sou assim. Homem-sofá.

Edgar olha pro sofá. No vídeo, corte para ele completamente afundado no sofá. Homem-sofá.

EDGAR (presencialmente, para fora) - Irene!!! Irene!!!

Sai, deixa a porta aberta. Podem-se ouvir seus gritos ainda de longe. No vídeo o homem sofá diz:

EDGAR (vídeo) - A realidade é uma quimera. Ficaremos, diante dela, até quando assim, jogados no sofá? Estamos preparados pra crueza das coisas? Porque tudo é simples. Temos coragem pra simplicidade? Se não tivermos hoje, teremos algum dia? Na morte? Irene não existe mais. E eu? Existi?

Edgar levanta-se do sofá e pega o controle da tv no vídeo. Olha diretamente para a câmera.

EDGAR (vídeo) - E se fosse eu que desligasse vocês? Assim, apertando um botão no controle remoto. Mais simples impossível. Estamos preparados para a simplicidade? Quem é real? Eu ou você? Eu ou você? Eu? Você?...

Ela continua se perguntando quando Irene surge com diversas malas enormes. Ao longo da fala ela vai tirando diversos ventiladores das malas, de diversos tamanhos, montando, com eles, uma passarela no meio do palco.

IRENE - Paris. Que dia é hoje? Conheci um homem. Ele me aperta o braço, puxa meu cabelo, eu cuspo na cara dele. Não gozo. Melhor assim. Vão ver minhas fotos de Paris. Pensarão que sou feliz. É por isto que vim a Paris. Para parecer feliz. Acordei cheia de hematomas. Olho pro lado, qual o nome dele? Está dormindo de pau duro. Quantos anos ele tem? Quero sair sem fazer barulho, vestir a minha roupa como se ela fosse explodir se eu fizer um movimento mais brusco. Começo a rir descontroladamente. Ele acorda. Fala umas coisas que não entendo direito.

Meu francês é básico demais. Vou rir. O sorriso é sempre uma resposta. Ele está de pé, se encosta em mim, agarra meu peito, eu quero sair daqui, fugir, me solta monsieur, estamos brigando? Ou dançando? Que horas são?

EDGAR (vídeo) - A gente tinha um cachorro, Irene. Você lembra? Ou era uma iguana?

IRENE - Praga. Quero beber. Muito. Até cair. Não tenho coragem. Uma mulher me encara de longe. É brasileira, a filha da puta. Descobrimos um amigo em comum. Ela mora aqui há quase dez anos. Me convida pra fumar um pelas ruas. Eu vou. Uma noite fria nas ruas de Praga. Ela chora, deixou alguém no Brasil, foi doméstica, babá, prostituta. Eu comeria ela. Depois começou a vender livros. Acho graça numa história quase absurda. Ela me fala que seu nome é Maria. Está amanhecendo. Cadê Maria? Sumiu de mim ou de minhas memórias? Nunca mais a verei. Serei como ela? Babá, doméstica, puta? Já nem sei mais quem é Maria. Serei ela? Em Praga envelheci mais depressa.

EDGAR (vídeo) - Quantos anos você tem, Irene? Você não envelhece na minha memória. Você é rígida e fria. Como um cadáver!

IRENE - Berlim. Eu tinha comprado uma flor, só porque a florista tinha cheiro de mar. Anoitecia. Eu estava sozinha e com fome. Tinha um homem na esquina, eu tive medo dele. Ele se aproximou, perguntou alguma coisa que eu não entendi. Twenty dollars, eu falei. Ele olhou fundo em meus olhos. Cuspiu no chão. Coçou o saco. E saiu. Eu fui atrás dele.

EDGAR (vídeo) - Eu desenhava com caneta bic uns caralhinhos na sua coxa. Lembra?

IRENE - Andei uns quarenta minutos atrás dele. Era tarde. Estava frio.

As pessoas foram minguando nas ruas. Um homem de barba, duas mulheres nas janelas mais altas, Berlim me inebria. Fecho os olhos pra imaginar um pouco, sair de mim. Cadê o homem? Sumiu pelas vielas mais simples. Mania minha essa de perder as coisas. E as pessoas.

EDGAR (vídeo) - Fiz uma tatuagem em sua homenagem, olha! Com caneta bic.

IRENE - Tem um bar na esquina. Vou beber até cair. Entro no bar. Um homem me oferece dinheiro. Twenty euros. Inflacionei-me. Pergunto em bom português: você prefere a babá, a empregada doméstica ou a puta que há em mim? Ele sorri, abre a braguilha, ainda não está de pau duro. Penso: caralho! O chão é duro e áspero, ralo os joelhos. Ele gozou? Estou bêbada. Berlim me inebria.

EDGAR (vídeo) - A ponta da caneta era mais fina que eu pensava, fiz um corte, Irene. Um corte para você.

IRENE - Barcelona. Tem uma amiga minha que mora aqui há dois anos. Casada com um búlgaro. Ele tem bigodes e é gordo. Minha amiga fazendo café e ele olhando pra mim. Minha amiga tomando banho e ele sabe que dá pra ver o saco dele do lado do short. Eu olhando pro saco dele. Está sorrindo? Eu abro minhas pernas lentamente porque o tempo passa em câmera lenta. Minha amiga convida pra almoçar num restaurante português. Tomo vinho, como um doce com ovo. O gordo passou a mão na minha bunda ou seu braço que se espalhou no espaço sem querer? Começo a ter fantasias com aquele bigode. Eu gosto de ficar embaixo de homens gordos. Está quente em Barcelona. Digo pra minha amiga que a vida é mistério. Ela faz cara de paisagem. Vou pra um hotel simples. Tem um búlgaro na minha cama!

EDGAR (vídeo) - Irene: fala alguma coisa de mim. A hora é essa. Finge que eu não estou. Fala como se contasse um segredo pra alguém. Fala

alguma coisa de mim!

IRENE - Parma: participei de uma orgia. Uma loira que só conseguia trepar de óculos. Um africano que sabia falar português. Um casal espanhol mais velho, ele, um charme, ela, um vulcão. Quem é que está metendo em mim? Cadê meu corpo nesse amontoado de cheiros e sussurros? Em quem eu estou metendo? Isso é dor? Ou ardor? Tem um pinto na minha frente. É do africano. Vou colocar em prática minha técnica de língua lépida... Tomei um tapa? Falei que tinha uns três italianos na festa? Aquele ali é homem ou mulher? Não consigo determinar se aquela vagina ali é dele. Ou dela. Mania desgraçada de lembrar do meu terapeuta! Sabe a metida perfeita, o ângulo perfeito? Vou gozar. A língua dessa espanhola é um milagre...

EDGAR (vídeo) - Já te contei do letreiro que ficava azul e depois ficava vermelho, Irene?

IRENE - Já.

EDGAR (vídeo) - Continua.

IRENE - Eu estou sozinha, todo mundo foi embora. Cheiro de porra. Sinto dores inconfessáveis. Como, de repente, a geladeira ficou distante. Tem um abismo ali. Caio nele ou não? Eu queria ter vindo pra Itália pra conhecer o Vaticano, porra! Rezar em memória de minha avó. Ah! Se ela me visse assim...

EDGAR (vídeo) - Ó: lembrei-me do tempero de sua vó, Irene. Como faz pra descrever um gosto aprisionado na memória?

IRENE - Londres. Resolvi ficar em silêncio. Isentas do calor de minha

voz, as coisas ganharam um novo sabor. É isso mesmo: sabor não é restrito ao paladar. Eu pensava: quem dera tivesse nascido muda. A gente fala demais. Fala pra dentro. Quando penso, ouço o timbre da minha voz. Uma espécie de prisão. Eu vim aqui pra me libertar. Londres me ensinou a autocontemplação. Comecei a me achar uma mulher bonita em Londres. Foi minha primeira masturbação espontânea. Gozei sem gritar. Apenas abri a boca e senti, como um beijo, os músculos se dilatarem. Eu estava imensa. Abri os olhos! Eu consegui! Abri os olhos! Aquela não era eu, ou então, eu não era a outra, a de antes. Vou voar, eu pensava. Mas aí tocou a campainha.

EDGAR (vídeo) - Essa peça se chamará novamente “Um homem jogado no sofá”, ouviu? Este homem sou eu. Um homem jogado no sofá. Você sabe qual o significado desse sofá, Irene? Sabe, Irene? O significado do sofá? Confessa pra mim... Você sabe? Imagina? Supõe?

Edgar sai do quadro da projeção. Irene vai até a porta e a abre. Edgar entra vestido de noiva. Irene vai pra uma das extremidades do corredor de ventiladores que se formou e Edgar fica na outra. Um a um os ventiladores são ligados. Sai o vídeo. Será preciso que os atores gritem seus textos.

IRENE - O sofá é sua casa?

EDGAR - Moro nos arredores de mim mesmo...

IRENE - O sofá é você congelado num retrato?

EDGAR - Sabe como eu odeio formalidades...

IRENE - O sofá é a coisificação de sua passividade abusiva?

EDGAR - Não acredito que você venha me falar em coisificação...

IRENE - Por que?

EDGAR - Porque você me coisifica, Irene!

IRENE - O sofá é a abstração máxima de sua futilidade?

EDGAR - Até poderia ser. Mas não é.

IRENE - O sofá é...

EDGAR - Você sabe porque, não é? Quer saber? Posso completar meu raciocínio?

IRENE - Você vai dizer que só pra mim você é fútil.

EDGAR - Porque sou fútil só pra você!

IRENE - O sofá é o medo quase congênito que você sente de mim?

EDGAR - Pode ser raiva. Pode ser cansaço. Pode ser vergonha. Medo, nunca.

IRENE - Mentira!

EDGAR - Esta peça agora se chama "Um homem jogado no sofá"!

IRENE - Eu tiro você do sério, né, Edgar?

EDGAR - Que mais você acha que o sofá significa?

IRENE - Uma bolha que te limita.

EDGAR - Abstrato demais.

IRENE - Um sapato que te aperta.

EDGAR - Abstrato demais.

IRENE - Toda a sua imobilidade!

EDGAR - Você me ama, Irene?

IRENE - A ilusão de um homem que tem imenso dó de si mesmo?

EDGAR - Imenso dó de si mesmo? Porque você está falando igual a mim?

IRENE - Estamos condenados um ao outro?

EDGAR - Estamos condenados ao sofá!

IRENE - Só você!

EDGAR - Fala baixo senão os vizinhos escutam...

IRENE - O sofá é uma pedra que te pesa o peito?

EDGAR - O que mais?

IRENE - Um tiro no meio dos seus olhos?

EDGAR - Nos olhos e nas mãos. O que mais?

IRENE - Você tem vergonha do sofá!

EDGAR - Isto era pra ser uma pergunta.

IRENE - Você tem vergonha do sofá?

EDGAR - Me reservo o direito de não responder a esta pergunta.

IRENE - Relaxa, meu bem. Isto aqui não é um inquérito.

EDGAR - Não é pra você!

IRENE - Você tem medo de mim?

EDGAR - Menos prepotência, meu bem.

IRENE - Esta porra desse sofá sou eu?

EDGAR - Menos prepotência, meu bem...

IRENE - Ai, que alívio...

EDGAR - Porquê?

IRENE - Porque eu queria ser tudo, lata de óleo, carta de adeus, faca sem corte, disco riscado, pano de chão, garfo entortado, quadro torto, porta emperrada, chave de carro, óculos riscados, lápis de cor, chinelo de dedo. Queria ser tudo. Menos essa merda desse sofá.

EDGAR - Acabei de compreender: Irene, você é o meu sofá...

IRENE - Cala a boca, seu porco!

EDGAR - Meu sofazinho amado...

IRENE - Eu mato você!

EDGAR - Meu sofazinho lindo...

IRENE - Porque você está falando igual a mim?

EDGAR - Você tem razão: estamos condenados um ao outro!

IRENE - Para com isso. Você já me excluiu como uma opção de ser esse maldito sofá.

EDGAR - Posso te pedir um último abraço?

IRENE - Só se você jurar definitivamente que este sofá não me representa.

EDGAR - Este sofá definitivamente não é você.

IRENE - Ufa.

EDGAR - Era só isso que te importava então?

IRENE - Só?

EDGAR - Você é uma egoísta do caralho!

IRENE - Para de me jogar na cara suas próprias limitações!

EDGAR - Você envelhecerá, eu envelhecerei. Nada existe além disso.

IRENE - Onde foi que nos misturamos desse jeito? Porque não é possível esquecer você. Quando foi que...

EDGAR - Interrompe este raciocínio. A peça agora se chama "um homem jogado no sofá".

IRENE - E se eu quiser trocar o título?

EDGAR - Posso te pedir que espere um pouco? Até que eu conclua?

IRENE - O sofá é isto, Edgar? Algo que te prende? Um pântano.

EDGAR - Eu me afundo nele. É novembro. Não tem nada a ver com você, mas quando estou com lama quase a entrar em minha boca, eu grito seu nome. Irene! Irene!

IRENE - Pode gritar Edgar. Eu não me comovo mais com suas metáforas.

EDGAR - Acabei de dizer, porra! O sofá não tem nada a ver com você!

IRENE - Então para de chamar meu nome, caralho!

EDGAR - É um hábito. Essa cultura rasa que nos prende um ao outro. Não percebe?

IRENE - Não estou presa a você.

EDGAR - Não. Nunca estive. Agora eu entendo. Me permite uma derradeira metáfora?

IRENE - Eu já saí por aquela porta. Quantos anos?

EDGAR - Era novembro e chovia. Eu estava onde?

IRENE - Ali, afundado naquele sofá.

EDGAR - Qual sofá?

IRENE - Levanta, Edgar. Levanta daí. Olha a vida lá fora! Chove? Melhor, você toma um banho na chuva, se lava, Edgar. Se lava e esquece.

EDGAR - Você não entende nada, mesmo. Somos radicalmente diferentes.

IRENE - Por quê?

EDGAR - Porque eu não quero esquecer. Posso? Posso não querer?

IRENE - Esquecer é uma ação, meu querido...

EDGAR - Escolher, também!

IRENE - Para de gritar!

EDGAR - Você está distante de mim. Tem um hiato entre a gente. Um abismo. Eu grito porque você está lá do outro lado. Você tem coragem de atravessá-lo, Irene?

IRENE - Você tem razão. Também estou gritando. Sua voz ressoa em

mim como um eco.

EDGAR - Chega mais perto!

IRENE - Fala mais alto!

EDGAR - Hoje é o dia de nosso casamento. Seu pai está ali, infeliz. Ele sempre me achou...

IRENE - Banana!

EDGAR - Eu ia dizer, sério...

IRENE - Meu pai me deu uma piscadela sacana. Olha! Você não viu aquele dia, porque na cerimônia inteira você chorava. Chorava feito...

EDGAR - Banana...

IRENE - Eu ia dizer criança. Mas banana serve.

EDGAR - Olha ali a minha mãe. Ela está triste.

IRENE - Ela merece.

EDGAR - Você sempre foi uma péssima nora.

IRENE - Esta sua história está demorando demais pra acabar!

EDGAR - Você sempre muda o rumo da conversa quando lhe convém.

IRENE - Você quer mesmo falar da relação entre a mulher e a sogra? É um tema que lhe interessa, Edgar?

EDGAR - Deixa minha mãe de lado.

IRENE - Há quanto tempo eu queria ouvir isso, meu deus!

EDGAR - Do lado de minha mãe está minha tia. Do lado de seu pai tem um homem que não conheço.

IRENE - Esta peça agora se chamará...

EDGAR - Quem é aquele rapaz do lado de seu pai?

IRENE - Uma mulher que saiu por aquela porta!!!

EDGAR (gritando muito) - Irene!!!

Todos os ventiladores são desligados de uma vez. Tempo.

EDGAR - O padre. Está perguntando.

IRENE - O quê?

EDGAR - Como assim, o quê?

IRENE - Eu me caso com você se tocar Madona na entrada da noiva.

EDGAR - Porquê?

IRENE - Porque agora essa peça se chama...

EDGAR - Responde o padre, por favor...

IRENE - Eu não sou mulher pra casar, Edgar...

EDGAR - Diz isso pra ele.

IRENE - Se casamento é bom, porque ele não é casado, Edgar?

EDGAR - Olha ali, Irene, até seu pai tá sem graça...

IRENE - Porra! Que hora pra falar de meu pai, heim?

EDGAR - Responde, Irene!

Tempo.

IRENE - Eu tenho o tempo. Houve um choque de sentidos em meus tímpanos. Tudo é paralelo. Eu era criança e havia dois caminhos. Um pra lá, outro pra lá.

Tempo.

IRENE - Ouvi minha mãe me chamando de longe, mas sua voz estava oca, parecia um efeito de computador, um eco. E, na minha frente, os dois caminhos. Um pra lá e outro pra lá.

Tempo.

IRENE - Estou ali de novo. Não existe o tempo. Sou uma menina. De tranças. É tarde. Faz frio na ponta de meus dedos. E eu sei: dois caminhos. Um pra lá, outro pra lá.

Tempo longo. Depois, entram, em vídeo, cenas do casamento dos dois.

IRENE (cantando) – Sabe o que eu mais senti no dia de nosso casamento? Vontade de vomitar. Conte pra Laura. Ela achou que eu estivesse grávida. Não olhe assim, Edgar, não tinha nojo de você. Quase nunca tive. Ali no casamento, com certeza não.

EDGAR - Você já teve nojo de...

IRENE - Não muda de assunto, Edgar. Estamos assistindo a fita de nosso casamento. Pela quadragésima oitava vez. Eu tinha nojo de glacê, de maquiagem excessiva, de vestido com tafetá, de gravata com cheiro de mofo, de laquê, de abraços de felicidade quando todo mundo sabia da ruína em que nos metemos, eu e você e cento e vinte e seis testemunhas. Cento e vinte e seis hipócritas.

EDGAR - Para!!!

Pausam o vídeo.

IRENE - Você não tem o direito...

EDGAR - Você que não tem o direito de mentir!

IRENE - Mentir?

EDGAR - Olha isso, Irene. Volta!

Rebobinam o vídeo.

EDGAR - Para. Um pouco mais pra frente. Isso. Pausa. Olha aí, Irene, sua cara, seus olhos absortos. Avança um pouco. Para. Volta um pouco. Para. Você viu?

IRENE - Eu vi.

EDGAR - Tudo isso que você relata aqui, esse tempo enorme e vazio, este vácuo de expectativas que pretende representar aqui é falso. Ou então, se não é falso, é um exagero colossal! Você quer parecer dramática, efusiva, teatral, mas é tão simples como eu. Ouviu? Tudo o que houve, aquele dia, foi esse leve titubear, um olho vacilante, só isso! Você disse...

IRENE - Sim.

EDGAR - Isso! É a palavra mágica, sobre a qual tudo se cria. Repete!

IRENE - Sim

EDGAR - Mais uma vez!

IRENE - Sim, porra!!!

EDGAR - Sim, porra! Você disse sim, e sobre isso tudo se construiu. A genealogia de nosso casamento, como tudo começou. No princípio não era o verbo. Era o sim!

A partir daqui Edgar faz uma revolução na cena, tirando os ventiladores e trazendo uma enorme mesa de jantar, duas cadeiras, uma em cada extremidade, dois clochês sobre a mesa, também um em cada extremidade. Irene permanece estática.

EDGAR - E o padre disse, com um sorriso sacana nos lábios, pode beijar a noiva. E eu te beijei e passei de leve a pontinha do meu dedo mindinho no lado de sua bunda. Na frente de seu pai. E fizeram fila pra nos abraçar, e eu cheirei cada um de seus familiares, como um bicho. Sabe cachorro mijando no poste? Minha mãe tava chorando muito, ela nunca gostou de você também. Ela me falava: ela não presta. Eu pensava: graças a deus! Lembra que descobrimos um penetra? Era um estudante de medicina. Ficamos amigos depois. Você deu pra ele também? Saímos da igreja na Maverick de seu pai. Amarela. As latas rindo de nossa cara, lembra? Você também. Ria. Aquela dúvida ali, congelada na minha memória, não existia mais. Podem avançar o vídeo. *(Começa a passar imagens que acompanham a narrativa dele)*. Jogaram arroz no meu ouvido, fiquei uma semana com dor de cabeça, o padre tinha uma pinta no queixo. Na estrada entre a igreja e o salão de festas eu pensava: essa mulher vai me dar muitos filhos. Perpetuar nossa espécie. Bobagem, né? Como eu me enganei com você... Quando você desceu do carro, você me disse...

Irene faz um gesto que vai falar.

EDGAR - Não, não fala. Olha ali ó, você descendo do carro. Você falou, Irene. Pra mim, quase em segredo. Não percebeu que tinha uma câmera. Quando vi a fita, eu li seus lábios. Acredita? Você disse: Foi a coisa mais linda que já fiz em minha vida! Aí fomos pra festa, com aquela banda de rock que você gosta e eu não. Eu queria um grupo de samba. Suas primas doidas mijaram na cozinha, lembra? Eu cismeiei que o Chandon tava com cheiro de pinto. Meu tio de Londrina trouxe um porco, você não deixou matar, levaram o bicho pro casamento. Como você chamou ele... Luiz. Você chamou o porco de Luiz. Anos depois descobri que era por causa de um ex, não é. Se você tivesse me contado eu teria curtido. Lembra, Irene? Você dançou feito uma puta, eu queria te comer ali mesmo, no banheiro masculino, você não quis, eu bati duas punhetas. Um depois da outra. Olha ali, ó, naquele momento eu tava voltando do banheiro, acho que você comentou alguma coisa sobre cheiro de porra na minha mão. Já tinha te contado isto?

Irene faz um gesto que vai responder.

EDGAR - Não, não precisa responder. Eu sei que essa peça agora se chama “Uma mulher que saiu por aquela porta”, mas não é um monólogo. Ou você já me excluiu da narrativa de sua vida? Não é possível, minha querida. Eu estou lá. Seu marido, seu ex-marido. Seu marido de novo. Você saiu, viajou pra Europa, voltou pra mim. Pro primeiro homem que... que... Eu fui o primeiro em alguma coisa na sua vida? O primeiro homem com quem você casou. Lembra? Foi num sábado, não é? Chovia? Estou começando a me esquecer. *(Olha pro vídeo)*. Ah! Não chovia. Mas vamos fazer chover, fica mais clássico, casamento com chuva. *(Começa a chover no vídeo)*. Lá dentro eram quase três da manhã eu já tava com a gravata amarrada na cabeça, você com cara de bêbada, saímos para a lua de mel. Que ideia essa sua: a nossa primeira trepada ia ser no motel barato. Achei uma barata uma vez lá, lembra? Lembra Irene? Entramos no motel, no quarto standard, você estava morta, deitou-se, eu tirei seu vestido, comecei a chupar sua buceta, que tava deliciosamente suada, e você dormiu. Lembra? Dormiu com a buceta na minha cara! Eu queria viajar pra Porto Seguro, você quis ir pra

Montevidéu. Fomos pra Montevidéu. Lá, você me pareceu triste e distante, se eu voltasse no tempo, eu tinha filmado você lá, mas não tínhamos nem máquina tem câmera no telefone. Nem telefone. Podem tirar o vídeo. Obrigado. Éramos eu, você e essa tristeza que nos acompanha desde então. Era nossa filha, a tristeza? Se parecia com você quando criança? Sabe, Irene, lembrar me deu uma fome. Gigante. Janta comigo?

A enorme mesa está montada, ambos se encaminham, cada um para uma extremidade, colocam o avental, sentam-se. Silêncio. Como se fosse coreografado, abrem, juntos, os clochês. Dentro deles tem um telefone antigo, de cor forte. Irene tira o seu do gancho e disca. Toca o de Edgar. Ele espera umas duas vezes e atende.

EDGAR - Alô!

IRENE - Louca.

EDGAR - O quê?

IRENE - Aquele dia. Que eu saí do carro. Eu não disse que casar foi a coisa mais linda que eu fiz na vida. Eu disse que foi a coisa mais louca! Louca! Casar foi a coisa mais louca que eu fiz em minha vida.

Tempo longo.

EDGAR - Mentira!

IRENE - Não fique assim, meu querido.

EDGAR - Você não percebe?

IRENE - O quê?

EDGAR - Isso muda tudo.

IRENE - Não exagera...

EDGAR - Não seja hipócrita, Irene.

IRENE - Fala mais baixo, Edgar.

EDGAR - Eu me enganei com você.

IRENE - Sim. Tenho falado isso desde o começo dessa peça.

EDGAR - Como eu não percebi isso antes?

IRENE - Você é um homem bom.

EDGAR - Bom ou idiota?

IRENE - Tem diferença?

EDGAR - Um pouco.

IRENE - Faz o seguinte: tira sua roupa. Toda.

EDGAR - Um momento.

Ele pousa o gancho sobre a mesa, tira toda a roupa, senta-se novamente, pega o gancho.

EDGAR - Pronto.

IRENE - Só pra que você saiba, esta peça continua se chamando “Uma mulher que saiu por aquela porta”. Mas dentro dela, escreverei uma cena rápida. Esta cena se chamará “Um homem deitado no sofá”.

EDGAR - Aguardo as instruções.

IRENE - Pra começar, dê cinco voltas rápidas em torno dessa mesa.

EDGAR - Um momento.

Ela pousa o gancho, dá cinco voltas correndo e retorna.

EDGAR - Pronto.

IRENE - Sente algo novo?

EDGAR - Cansaço.

IRENE - Você é um homem cansado. Parece que tem cinquenta anos. Engordou.

EDGAR - Quer que eu me ofereça como prenda? Quer que me comam?

IRENE - Sim.

Ele pousa o gancho, deita-se no meio da mesa. Tempo. Irene pousa seu gancho, vai até a extremidade dele, e leva o telefone até ele. Depois, ela volta pra sua extremidade.

IRENE - Nunca mais me deixe falando sozinha, ouviu?

EDGAR - Quem irá me comer Irene?

IRENE - Os séculos. A cultura. A sociedade. Você será presa fácil para os que detêm o poder. Você repetirá os padrões de seu pai, avô. O machismo irá te comer, Edgar. Mastigar cada músculo, chupar seus ossos, arrotar seu cadáver de macho brasileiro.

EDGAR - Serei tragável?

IRENE - Para a cultura, todo mundo é, seu idiota!

EDGAR - Fale mais. Quero ser comido, Irene.

IRENE - Aonde chegaremos assim, meu querido? Nós, que nos afastamos tanto?

EDGAR - Não, Irene. Não finja ser boa. Continua destilando sua maldade. Por favor.

IRENE - Quem irá te comer será a volta do regime militar, o crescimento da direita, o impeachment de Dilma Rousseff. As mortes no Carandiru, a construção de Belo Monte, o rompimento da barragem de Mariana. A privatização da Petrobrás, o crescimento da quantidade de agrotóxico na comida do brasileiro, a violência no trânsito, a eleição de um genocida.

EDGAR - Você me diminui, meu amor. Só porque eu sou homem?

IRENE - Você já sentiu atração por outros homens?

EDGAR - Sim.

IRENE - Troca de lugar comigo, Edgar.

Eles se levantam, ele coloca novamente a roupa e ela tira. Ela se deita na mesa e ele se senta na extremidade em que ela estava.

IRENE - Você não imagina o que é ser mulher, Edgar.

EDGAR - Quer que eu tenha dó de você?

IRENE - Eu quero o mínimo de amor.

EDGAR - Quem você pensa que é você pra falar de amor?

IRENE - Tudo bem Edgar. Amor não foi uma boa imagem. Eu quero um pouco de paz. Acordar e não pensar em nada.

EDGAR - Porque essa inversão de papéis, Irene? Você quer me foder? Enfiar alguma coisa em mim?

IRENE - Ah! Essa maldita cultura que nos condiciona... Nos limita...

EDGAR - Eu sinto atração por homens mais velhos.

IRENE - Vou achar um homem mais velho pra comer você. Tem um homem mais velho na plateia?

EDGAR - Precisarei ser mulher para conseguir um mínimo de amor?

IRENE - Quem é você pra falar de amor, Edgar?

EDGAR - Eu te amo, Irene!

IRENE - Ama a porra de seu sofá de estimação!

EDGAR - Então, há alguma propriedade em meu amor!

IRENE - Eu tenho um marido sofá!

EDGAR - Você se acha melhor do que eu, porque? Porque eu sou homem?

IRENE - Não. Porque você é um sofá!

EDGAR - E se eu sair do sofá?

IRENE - Por mim?

EDGAR - Por você!

IRENE - Você faria isso?

Tempo.

EDGAR - Você quer me matar, Irene? Enfiar uma faca em mim?

IRENE - Eu quero enfiar meu braço no seu cu até o antebraço. Ver você gritar de dor, curtir seu sofrimento. Cuspir na sua cara. Eu quero comer você Edgar.

Tempo. Ele se levanta, tira a roupa, leva seu telefone para o centro, deita-se na mesa, do lado de Irene, mas no sentido oposto. Uma câmera no alto da mesa projeta a imagem dos dois.

EDGAR - Você disse que esta cena seria rápida.

IRENE - Perdão. Eu exagerei nos detalhes. Mas, tudo bem. Esta cena já acabou.

EDGAR - Então, será assim? Você sairá novamente por aquela porta e fim?

IRENE - Onde foi que nos metemos, meu querido? Que lugar é este dentro de mim?

EDGAR - De nós...

IRENE - Não! De mim e de você. Não existe essa combinação bizarra. Seria capaz de ficar contigo a vida toda se não fosse essa imagem estúpida.

EDGAR - Tenho culpa se aprendi assim?

IRENE - Tem. Toda a culpa do mundo.

EDGAR - Você entende muito de culpa.

IRENE - Entendo. Toda mulher entende.

Tempo. Entra a Mulher do Vídeo, com um prato, uma faca, uma colher e uma fita cassete. Vai até o aparelho de som e coloca a fita cassete. Enquanto toca, ela vai até Irene e Edgar, corta um pedaço de cada um deles, senta-se à mesa e come com alguma dificuldade.

FITA CASSETE - É novembro. Não é porque somos ficção que não podemos ser simples. E, como estamos no fim, podemos praticar, sem dedos, a mais descarada objetividade. Embora, como conteúdo simbólico, não nos interessem as respostas. Por isso, as perguntas: que instituição

cultural é essa que, incansavelmente, conduz duas pessoas à mais doce ruína? Como escapar de seus tentáculos de hábito e tristeza? Passividade biológica? Medo? Irene e Edgar, como pudemos ver, são duas pessoas radicalmente diferentes. Se a nossa opinião for diferente da sua, opte pela sua. Ela, mais livre, leve, ativa. Ele, dependente como um filho. Mas, e quando se tornam um? Ela estava certa, cada um é cada um. Mas ela também estava errada: é direito dele achar que ele e ela são um. Além do mais, ele estava certo: ela disse sim. Sim, porra! E ele, coitado, também estava errado, e tantas vezes que nem nos cabe sublinhar uma. Antes ele pediu, implorou, que vocês gostassem dele. Vocês gostaram? (*Tempo*). Não precisam responder, sou uma gravação. Há um nível abusivo de artificialidade entre nós. Por isso, o teatro, embora isto aqui esteja mais para um açougue. Ali estão dois pedaços de carne, repletos de angústia e desejo, mas carne fresca, como todas as outras. Alguém aí tem fome? Quem é Irene, essa carne deitada antes seus olhos? E Edgar? Quem é senão esse amontoado de células? Sangue, bÍlis e bosta? Há coisa mais ridícula do que toda a pretensão que, inocentes, pousamos sobre a noção de sociedade? Como se pudéssemos represar, em ordens e regras e leis e hábitos, toda uma tendência à liberdade... Estaríamos preparados para a selvageria absoluta? Será possível praticar a liberdade no corpo do outro sem limitá-lo? Só expandi-lo? Perdão, agora que já perceberam nosso apreço às perguntas, permitam-nos uma resposta: Não. Não é possível. Moralista? Sim. Sejam, pois, como é habitual, racionais. Esqueçam o que dissemos, tudo isto é rancor, falta de graça nas coisas, sisudez intelectual. Quem somos nós senão poetas em busca do drama? Da forma dilatada e afetada de entender a vida, que, em si, é prática. Portanto, não nos leve a sério demais. É novembro. Chovia? Esta peça, agora, não se chamará nem 'um homem jogado no sofá' nem 'uma mulher que saiu por aquela porta'. Ela se chamará 'somos passivos demais pra verdade'. Tudo bem, conceitual demais. Ela, então se chamará 'um homem, uma mulher e um vazio'. Estará bom pra vocês assim? Que todo esse imbróglio de sentimentos e palavras seja representado pela ideia abstrata de vazio? Chega de abstrações. Essa peça se chamará 'um homem e mulher e as diversas possibilidades de desconstruir-se de si'. Vejam que bonito, eles estão dormindo. Assim, dormindo, não há a menor diferença. Não há homens, nem mulheres. Nem jovens, nem velhos, altos baixos, gordos, magros, sãos, doentes,

brancos, pretos, ricos, pobres. É a diferença que nos define? E, se dissessemos que ela não existe? Simplesmente? Você nos consideraria loucos? Loucos poetas ou loucos doentes? Shhhh... Silêncio. Eles estão dormindo? Ou morrendo? Sejamos práticos: no fim, essa peça se chamará 'um homem e uma mulher dormindo'.

A mulher continua comendo. Sai o vídeo. Luz sobre eles cai lentamente.

DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES

- 12ponto223b
- Amores e dores no país das flores
- Coração de Porco – Édipo em 4 estações
- Edvards e as Mortes
- Delírios de Will ou como chupar os ossos de Shakespeare
- Histórias nas Paredes
- Nelson Rodrigues
- O Queijo – Uma comédia sórdida
- Uma novela masculina
- Um homem jogado no sofá ou uma mulher que saiu por aquela porta